



sexta-feira, 11 de junho de 2010

O que Gustavo Franco tem a ver com Shakespeare

O livro *Shakespeare e a Economia* reúne dois ensaios escritos em diferentes épocas - um deles, pelo ex-presidente do Banco Central - que revelam como as finanças, a economia e o empreendedorismo influenciavam a vida e a obra do dramaturgo inglês

Por Luiz Armando Capra Filho*



O livro *Shakespeare e a Economia* reúne dois ensaios complementares – e surpreendentes. Escritos em diferentes épocas, ambos mostram que as finanças e os aspectos econômicos e empresariais estavam presentes na vida e na obra do dramaturgo inglês. A obra traça um paralelo entre a produção teatral de William Shakespeare e os primeiros influxos da economia capitalista no hiato entre a revolução industrial do século 18 e o modo de produção feudal.

O primeiro ensaio, *A Economia de Shakespeare – O Retrato do Capitalismo quando Jovem*, é assinado por Gustavo Franco, professor do Departamento de Economia da PUC-Rio e ex-presidente do Banco Central. Trata da economia do teatro, explicando seu funcionamento através de, por exemplo, um sistema semelhante ao de venture capital – que já era aplicado, naquela época, nas navegações ultramarinas.

Já o segundo ensaio, do economista americano Henry Farnam (1853-1933), foi publicado em 1931. Foi, também, o primeiro a identificar alusões a temas econômicos na dramaturgia de Shakespeare. *A Economia em Shakespeare* mostra, na voz de diversos personagens, nas metáforas e nas alegorias, as referências ao comércio, profissões, agricultura, tributação e distribuição da riqueza.

O que impressiona no trabalho é que, entre 1560 e 1642, mais de 50 milhões de pessoas passaram por casas de espetáculos em Londres – o equivalente a pouco mais de 600 mil espectadores por ano. O número é magnífico, ainda mais se pensarmos que a Inglaterra tinha 4,8 milhões de habitantes e Londres, não mais que 250 mil. “É bem possível que em nenhuma outra



mais lic

Chega c

Duelo d

É precis

Para ex

Chegou

500 maior
negócios a
enque

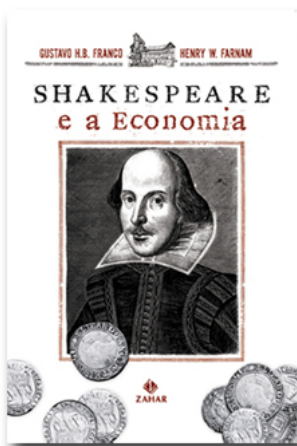
Q

- Red
- agra
- Inve
- para
- Melt
- ecor

época, exceto talvez na Grécia Antiga, o teatro tenha tido tanto público e desfrutado de tamanha centralidade na vida cultural de um país”, escreve Franco.

Dito isso, é interessante observar a grande penetração do teatro, que criou um mercado de massa dos mais prósperos e inovadores, similar ao que o cinema representou na segunda metade do século 20. **Não por acaso, o dramaturgo Tom Stoppard afirmou que, se vivesse hoje, Shakespeare trabalharia no cinema.**

O livro entrelaça também o aspecto empresarial de Shakespeare, mostrando que ele era não só um bom artista, mas também um empresário de sucesso. Franco aborda a economia do teatro, a linguagem, as companhias teatrais, sua organização e seus resultados financeiros, além de surpreender o leitor com cálculos que mostram como o poeta se tornou dono de uma fortuna. **Ao morrer, em 1616, Shakespeare deixou 1.500 libras esterlinas a seus descendentes, o equivalente a 14 milhões de libras, ou 38 milhões de reais nos dias atuais.**



Cabe destacar a relação indissociável da economia com a produção cultural. Como este é um dos segmentos de maior crescimento econômico da atualidade, os profissionais da área têm muito a aprender com Shakespeare e a Economia.

***Luiz Armando Capra Filho é professor de Gestão Cultural do Senac de Porto Alegre**



Enviar para PDF



Imprimir



Enviar por e-mail

Comentários



#2 2010-06-14 16:48
ótimo livro!

Quote



#1 2010-06-11 21:42
muito bom!!!

Atualizar lista dos comentários

Comentar

Nome (obrigatório)

E-mail

Website

Mensagem

Enviar

AMANHÃ

[Negócios do sul](#) [Economia](#) [Gestão](#) [Marketing](#) [Sustentabilidade](#) [Amanhã TV](#) [Eventos](#) [Revista](#)